

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES
DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

O mal da Espanha

A's classes burguesas tem sido chamada a atenção para os acontecimentos ultimamente sucedidos na vizinha Espanha, em carácter alarmante, de um perigo enorme, absorvente para a nossa contiguidade de vizinhos e afinidades de raças.

A proclamação da República espanhola, tendo feito vibrar intensamente a alma liberal do nosso povo, causou certo aborrecimento e mal estar à falange reaccionária do país. O povo espanhol, numa clara emancipação dos princípios de Liberdade, lutou, venceu e provocou admiração ao mundo com a rapidez da sua decisão e mudança não menos rápida das suas instituições.

A voz das urnas falou mais alto do que os desejos dos defensores do regime monárquico e a alma pública não consente, hoje, o arbítrio pessoal e a regência individualista da coorte que medre à custa de tiranias e vexames.

A Espanha, esmagada pela ditadura riverista, amordaçada pelo governo de Berenguer, explodiu de alegria e convicção na ansia tão desejada da Liberdade, arrasando consigo na exaltação dos seus direitos, um regime que não tinha razão de mais viver. O povo espanhol sabia, que o seu rei era mais alguma coisa do que o supremo governante da nação; o povo espanhol sabia que o seu soberano, como o disse alguém, «era o maior negociante de Espanha», em prejuizo manifesto do Estado. Segundo diversos testemunhos que nos vão chegando, donde a verdade salta aos olhos mais incrédulos, são manifestos estes perfidos interessantíssimos de autoria do Dr. Ginés Ganga, do jornal de infomações comerciais «Export», publicado em diversas línguas, na Checoslovaquia, que dizem o seguinte: «outro problema económico que se oferece à República é as concessões em favor de determinadas empresas para a exploração de certas riquezas nacionais. Em quasi todos estes negócios indecorosos intervinha pessoalmente D. Afonso de Bourbon e Hasbourg, que exigia lhe entregassem um número de acções que elle mesmo fixava; mais adiante mostra o mesmo autor o patriotismo do ex-rei de Espanha — «o mais castiço» como lhe chamavam os seus apaniguados: «muitas delas foram estabelecidas com capitais estrangeiros a tal ponto, que a imensa riqueza mineira de Espanha está por completo em mãos não espanholas mas tendo como primeiro accionista o ex-rei Afonso».

O mal da Espanha não é mais que reivindicar a sua liberdade e impôr ao mundo a sua vontade de viver livre e constitucionalmente. A República espanhola, deturpada por uns e exaltada por muitos mais, tem chegado até nós através dos descontentes, como um perigo enorme, absorvente pelas suas ideias unionistas da Ibéria (1), pelo espantoso do comunismo e pelo papão bolchevique, aterrori-

zando os tímidos e fazendo sorrir os fortes.

A União Ibérica é uma utopia invencionista; ninguém a tenta porque é impossível, embora desde há muitos anos houvesse sempre quem a defendesse, mas contrariamente ao espírito nacional que sempre a repudiou e repudiará.

A ameaça comunista manejada sobre a cabeça do burguês amigo, como bandeira vermelha de revolução, pretendendo impôr-lhe um perigo que não existe, tentando-o a baralhar homens com ideias, que criam novos manejadores que se transformem em resguardo desse espantoso de méra invenção.

De comunistas e de bolcheviques são acusados os restauradores da República em Espanha. O movimento que conquistou a Liberdade e o direito político de todos os cidadãos espanhóis, serve de capa para insidiar às classes conservadoras dum mal que não existe, incitando-as a formar quadrado contra as suas fantasiadas arremetidas.

Se o perigo comunista existisse, o dever das classes conservadoras era combatê-lo pela clara e convincente voz das urnas, que é ainda a mais eficaz e a mais decisiva força, aquela que equivale à de todo o exército do mundo.

Nada de medo e de suspeições erróneas. O comunismo, segundo Marques Guedes, «é um exclusivo propriamente russo» e como tal intransplantável para outros países de raças totalmente diferentes.

Se entre nós existe, se conseguirmos ganhar terreno em Portugal, também isso acontece na democrática França, na liberal Inglaterra, na rica América, na imperialista e *hilleriana* Alemanha, e na católica Bélgica, sem, contudo, constituir um alarme caracterizadamente perigoso, porque é tido como uma ideia política contraproducente e como tal continuamente rebatida pela palavra e pela imprensa. Na Grã-Bretanha, o governo que ocupa actualmente o poder e presidido por Mac-Donnal, é trabalhista, partido do povo trabalhador, que engloba não só o proprietário e o proletário, mas também o patrão e o operário.

Por isso o comunismo não horroriza, evoluciona com as ideias dos que forem seus adeptos e nada mais. Quando muito, a única coisa existente são as batalhas da inteligência, feitas pela palavra ou pela pena, que têm em mira a adaptação de novas fórmulas políticas e que em verdade têm mais valor e são mais penetrantes e producentes que as imposições da força e o poder das armas, o que não aproveita às classes ditas burguesas por anti-progressivas para não dizer anti-conservadoras.

ALMEIDA FERREIRA.

Este numero foi visado
pela Censura

A LEI

Sim, senhores; que a lei se cumpra, que as leis se observem, que para outra cousa a não fazem e promulgam. Que as leis se cumpram. A ditadura fez-se, dizem os seus próceres, para acabar com os abusos, impondo a pureza e cumprimento da lei, deste modo querendo pacificar a Nação e prestigiar a República.

E nós orgulhamo-nos de cumprir a lei. Não há aí quem possa apontar-nos o contrário.

E, porque a cumprimos, esperamos que ninguém nos regateará o direito de exigir que todos a cumpram.

Em regime republicano, as primeiras leis a cumprir são aquelas que guardam e fazem respeitar a República. Ora, nós ousamos chamar a atenção de quem de direito para este facto interessante:

Aqui há tempos, a República de Lisboa, queixava-se de que em certa igreja e em certas cerimónias se distribuam curiosas vênias ou medalhas às crianças, veneras essas que de uma cajadada matavam dois coelhos, isto é, em que a par da propaganda religiosa se fazia a propaganda política — monárquica, está bem de ver.

No seu último número, o nosso colega *Liberdade* também de Lisboa, refere-se ao caso e diz que elle se repete.

E' preciso pôr termo a isto.

Estamos certos de que a autoridade desconhece o facto, que de outro modo se não explica a sua repetição.

Que os católicos façam a propaganda das suas crenças, ninguém tem que estranhar; mas que os monárquicos continuem a explorar os sentimentos religiosos do povo em benefício da sua fé política é que não está certo.

Há muito tempo que a religião vem servindo de capa aos manejos políticos dos adversários da República; há muito tempo que maus católicos e espertos talassas vêm aproveitando a religião a um campo de que ela se deve conservar sempre arredada. Este procedimento indecoroso — o dos maus católicos e o dos espertos talassas — deve ser reprimido.

Que todos cumpram as leis, e, em regime republicano, as primeiras a cumprir são as de defesa da República.

Recenseamento

O prazo para o recenseamento eleitoral foi prorrogado até ao dia 31 do corrente.

Todos os republicanos devem tratar com cuidado do seu recenseamento. E' o primeiro acto a marcar o seu amor à República. O regime republicano tem ainda adversários; necessário se torna, por isso, que os republicanos não desprezem o menor esforço no sentido de o defender.

Se todos os republicanos e todos os patriotas cumprirem o seu dever, a República sairá mais prestigiada com a vitória que as futuras eleições lhe darão.

União! União!

Quando me resolvi a dar a minha modesta colaboração a *O Povo de Guimarães*, obedecia ainda àquelle impulso que sempre me levou a dar o meu aplauso aos que lutam pela união da família republicana. Convencido de que aqueles que lutam pela pureza e difusão dos princípios republicanos viam o seu esforço prejudicado pelas inimizades e questões dos partidos; certos de que dessas inimizades e questões surgiam os primeiros factores da desorganização e do choque das forças republicanas, foi sempre meu lema, minha suprema aspiração, um entendimento íntimo, fraternal, consciente, entre todos os aglomerados, entre todos os partidos da República.

Juntei a minha voz a outras vozes que defendiam a mesma ideia e, saindo da obscuridade em que vivia, e que é tão do meu agrado, enfileirei ao lado dos que, contra todas as vicissitudes e contra todos os riscos, se deram inteiramente à missão, que julgo nobre e patriótica, de apontar e combater os erros dessa política de campanário, *negócio* de caciques, a que nos acorrentava a força do hábito, e que tão funesta foi à República e aos seus homens.

E fi-lo com fé, com entusiasmo e com devoção.

Obstáculos, se os encontrava, — e quantos encontrei... — nem os temia, nem os ladeava. Se eu lutava pela Justiça e pela Verdade, se eu lutava pela República!

Contudo, porque era modesta a voz...

Mas, adiante.

Foi o tempo dobrando os anos e com esta meada do tempo ia aumentando a outra, a do desalento. A desordem, proveniente das divergências partidárias, era cada vez mais funda. A política particularista, pessoal, campeava, fazendo abortar todos os esforços, todos os sacrificios, tendentes a desenvencilhar a República da teia em que a iam manietando servidores ineptos e adversários sem escrúpulos.

Consição e desvairamento domésticos, que os *maes da guerra* aumentavam e acirravam, alimentavam a baixa intriga em que medravam os safardanos da política, a horda de videirinhos, sem ideal, nem fé. E, em dado momento, momento de perigo para a República, de novo se ergue clamorosa a voz de unir.

Já não sai agora da pequena falange de *franco-atiradores* que, como eu, a união dos republicanos votara todas as energias; agora sai do peito de todos os republicanos sinceros, honestos, para quem a República simboliza uma pátria e uma religião. Todos reconhecem que a salvação e o prestígio da República e dos seus humanitários princípios está na coligação das forças republicanas, na união dos partidos republicanos, no abraço fraternal da família republicana. Era tarde. Nada podia já evitar a derrocada.

Era tarde, disse eu. Seria tarde, se a República não estivesse bem arreigada no espírito da massa popular. Seria tarde, se esse instinto patriótico do nosso povo, instinto que a tradição sustenta e anima não fizesse o relicário, em que a

Sume-tel...

Se quiseres conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão.

E é bem certo.

Vem um pobre diabo de não se sabe donde, uma mão atrás outra adiante, em humilde postura de quem não faz mal a uma mósca, e, de repente, ei-lo que se quer volver em árbitro e juiz de tudo, de todas as causas, com a rasgada desvergonha do tiranete que se julga dono. O préstimo, que é nulo, substitui-o elle pela fatuidade, que é imensa, e vá de pimponear força, onde só há franqueza, sabedoria, onde só needade existe.

E' o caso do Perú que vestiu as penas do pavão.

Nada que mais me vexa do que vêr o pandilha arvorado em moralista. Nada que mais avilte do que as admonendas vinda do fátuo.

E, por esse mundo de Cristo, os fátuos e os tolos formam espessíssimo cardume, legião formidável. Não se dá uma volta que se não tropece num desses ridículos exemplares a espojar-se nas próprias impertinências. E' um louvar ao Senhor esta praga, contra a qual não há «Pós de Keating» que valha.

E' um desafôro este formigueiro de parvos pretenciosos, capaz de resistir a um milheiro de Herodes armados da mais bíblica fúria exterminadora.

Sume-te, diabo!

Transcrição

O nosso estimado colega *Vibração*, de Silves, transcreveu, no seu último número, a local «Os Tesos» por nós publicada. Muito agradecida.

República é guardada e defendida, com a constância e galhardia que o povo põe em todos os seus actos. Graças ao povo, a esse instinto maravilhoso do nosso povo, a República salvou-se. A derrocada deuse, estorolou os partidos, mas a República salvou-se. Foi rude a prova, foi dura; mas foi categórica: a República é indestrutível, podemos afirmar sem receios. A República só se extinguirá, quando Portugal se extinguir. Foi dura a prova, mas foi concludente. Tão dura e tão rude que é mister que nos esforcemos por que por outra igual se não passe. E' dever de todos os republicanos olhar pelo futuro da República; é dever nosso evitar que se repitam os momentos de perigo para o nosso ideal e para o regime que o consubstancia.

E esse dever cumprimo-lo unindo-nos; esquecendo os velhos agravos e as velhas rixas, os passados dissídios, para só termos diante de nós a sagrada flâmula verde-rubra — a bandeira da República.

Unamo-nos, que na união está a nossa força — a força ideal com que daremos à República e a Portugal o prestígio de que carecem para vencerem as tremendas dificuldades que esmagam o mundo.

Eu estou hoje onde estive ontem, onde estarei sempre: a pugnar pela união de todos os republicanos, condição necessária para a vitória da República.

Republicanos, unir!

D.

TRIBUNA OPERARIA

Manciras de ver

O seu a seu dono. Está certo muito certo mesmo. Acusarem-nos de bolchevista é o que menos nos custa. Mas, cautela, que os papéis se não invertam: é o que nos parece, porque a nossa última tribuna, a mais lógica, a mais racional, causou segundo cremos, certos e injustificados engulhos aos burgueses cá da terra. Estamos completamente admirados! Nunca pensamos, nunca nos passou pelo sentido o sentido que tiraram da última tribuna.

Mas... Mas basta de palavras, que de palavras está o mundo farto. Quem é mais bolchevista? Nós, que indicamos aos senhores burgueses o caminho do dever, da justiça, do direito devido ao trabalhador pacato, humilde, besta de carga carregando com todas as injustiças, com todas as iniquidades —, ou eles, os senhores da indústria, magnates da produção, quer seja petrolífera, quer seja algodoeira, que, esquecendo-se de que o sol quando nasce é para todos, provocam o terceiro estado, atirando-lhe à face com os seus luxos espantosos, cegando-o com a poeira dos seus carros da última novidade?... O proletário, aquele que o sabe ser com razão e dignidade, senhor de si e, infelizmente, conhecedor não só da situação que se passa; enquanto ele, isto é, nós todos, os que trabalhamos, vivemos miseravelmente agasalhados sob a telha de um pardeiro, o cão do senhor, o cavalo do senhor, têm melhor cama e melhor mesa! O operário tem de ordenado, quando muito, três mil e tal escudos anualmente, não contando com os dias que a Igreja manda guardar como santificados... Isto muito por alto! Não sei se vêem bem... Branco é, galinha o pé. Pois, senhores! Que de injustiças que vão por esse mundo! E lembrarmo-nos, nós, os operários, que, defendendo uma vez mais a República, somos acusados pelos senhores conservadores burgueses que têm encontrado na mesma República a defesa dos seus interesses quando é certo que, por decôr próprio, deviam ser mais justos e equitativos!

Largos dias têm em anos — menos há muitos anos nos livros da escola régia...

AFONSO FRANÇA.

UM PADRE TUBARÃO

O nosso prezado colega O Clarim, de Penafiel, contava, num dos seus últimos números, que o reverendo da freguesia de Zero, como tivesse falecido uma senhora, esposa de um abastado proprietário, enviou, logo que teve conhecimento da infausta notícia, uma carta ao desolado viuú, exigindo-lhe pelos seus serviços a seguinte remuneração:

Cabeceira.	100\$00
Por ler os responsos numa encruzilhada do caminho	45\$00
Por acompanhar o féretro	45\$00
Assento de óbito	50\$00
Por meio officio (5 padres a 50\$00)	250\$00
Total.	490\$00

Impôs como condição o pagamento desta importância adiantadamente. Do contrário não acompanhava o féretro.

Mas há mais. Ainda não satisfeito com aquela importância, pelos padres nossos a rezar no domingo seguinte em sufrágio da alma da extinta, exigiu: 2 bacalhaus grandes e de boa qualidade; 2 regueifas de 5\$00 cada uma; 1 almude de vinho e 1 alqueire de milho. Sem comentários.

O direito de existência não só compreende a vida e integridade pessoal do homem, mas também o seu bom nome e reputação, em que consiste a sua dignidade moral. (Art. 360 do Cód. Civ.)



A protagonista do filme a «Mãe», que amanhã se exhibe na Parada dos Bombeiros Voluntários

Coisas e Loisas

SOMA E SEGUE...

O general Burguete, que nos recuados tempos da monarquia em Espanha desempenhou altas funções, quis ver directamente o que se passava em Sevilha.

Deu o seu passeio até à linda cidade do Guadalquivir e das «semanas santas» e viu...

Viu o diabo na figura da miséria; viu a besta-homem a espojar-se no sórdido monturo das suas desgraças, do seu abandono, da sua pobreza. Bairros inteiros constituídos por barracas de latas, milhares de criaturas penando o inferno da vida no mais negro desaniparo, a que as condenou o inqualificável egoísmo dos seus semelhantes, o condenável desprezo a que os votou uma falsa moral, que diz, ter em Cristo a sua origem! Viu miséria, viu fome, viu podridão.

Condoído, logo sua excelência telegrafou, pedindo à República, ao governo e ao parlamento da República espanhola, providências que atenuassem o mal e levassem àquele ántro o humano amparo das leis e dos homens, o auxílio de que careciam aqueles desgraçados para poderem sair da triste situação em que se debatiam. Ficou pasmado o sr. general. O caso não é para menos.

Com frades e freiras a rôdos, com conventos a todos os cantos, com uma monarquia sempre a contar as grossas camândulas do seu rosário, da sua devoção — a monarquia mais temente a Deus que se conheceu e a história regista — de esperar seria que Espanha estivesse na graça do céu e dêste lhe viesse super-abundante maná, tanto maná e tantas codornizes, que dessem toucinho de palmo ao corpo e lhe fizessem rebentar o espírito em frutuozas obras humanitárias. Era de esperar, era. Mas, pelo que diz o general Burguete e pelo que diz a imprensa — que nos fala da péssima situação em que encontram as populações, desde os Cantábricos à Serra Nevada — o caso está muito em desacôrdo com a esperança. A monarquia legou à República uma nação desorganizada e faminta. Beata e aristocrata, a monarquia espanhola arvorou-se em «providência» do clero e da nobreza, deixando estiolar-se na mais vil das misérias a massa popular, o melhor nervo das nações.

O resultado é este que se vê e que tanto condeou o general Burguete. Bairros inteiros de lata; milhares de criaturas a esconder as suas desgraças em fétidas pocilgas, enquanto o clero vivia à larga e guardava, com a nobreza e a família real, o melhor dos seus haveres em bancos estrangeiros.

Tem razão o sr. general; mas mais teria se no seu telegrama aos homens da jovem República espanhola fizesse bramar o má tema contra todos os que arrastaram os seus

concedidos de Sevilha à degradante situação em que se encontram.

BOCA!

O «Liró» é um cão de coelho que no seu mister dá água pela barba ao mais pintado coelho das redondezas.

Alto de perna, sêco, o pêlo curto, é um gôsto vélo de orelha direita e narinas dilatadas, quando lhe cheira a caça.

No entender do dono, é cãozinho que vale uma fortuna. Não há outro que lhe ganhe, tanta a sua agilidade e resistência, tão agudo o seu instinto e o ardor com que se mete ao monte. E' de narizes! Não tem parêlha. E' um fenómeno, o «Liró»! Aquilo até parece que faz coelhos ou os vê de casa, o raio...! E' um fusinho a dar com eles. Só tem um defeito...

E' que se dá com coelho e ninguém lhe acode, papa-o.

E ainda há quem diga que o cão não é inteligente! Ao «Liró» só lhe falta falar.

HIPÓCRITAS

A História repete-se. Em Espanha foram multadas duas senhoras que andavam distribuindo manifestos de defesa dos jesuítas, tendo impressa a bandeira monárquica.

Quem é que se admira? Lá como cá. Nós até tivemos canastras catolicíssimas que, tangidas pela sua... piedade monárquica percorriam os cárceres, onde eram inquisitorizados os pobres prisioneiros da causa, levando-lhes novos alentos nas consolações e nas esperanças que lhes davam. Pias senhoras, senhoras pias, que se de-sentranhavam em zelo religioso por causa do zelo político. Santas senhoras tangidas pelo jesuíta político. Hipócritas.

Um exemplo

A propósito da questão do Rosmaninhal, conta O Século este caso edificante: Um sujeito endinheirado comprou por algumas centenas de contos uma das maiores propriedades do concelho de Idanha-a-Nova, onde a cultura do trigo se fazia intensamente, dando trabalho a grande número de camponeses. Adquirido o terreno, o novo proprietário deixou de o cultivar, aproveitando-o para a caça, que nêle abundava, etc., etc., despedindo os trabalhadores.

Aqui tem vossas excelências um belo exemplo de moral cristã neste proprietário. E não só da moral cristã, mas também de patriotismo. E' por estas e por outras que os diabos as tecem e põem o sal na moleirinha aos sociólogos de chinelos de ouro que prégam a paz firmada na resignação. Este varão caçador está-se nas tintas para as «campanhas do trigo».

Noticiário

Esteve entre nós o ilustre oficial do nosso exército e valoroso republicano, sr. Capitão António Flores, que, acompanhado de sua ex.^{ma} família partiu para Guilhofrei, Braga.

— Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhos, partiu em gôzo de férias para Gomide, Vila Verde, o nosso querido amigo e devotado correligionário, sr. Mário Menezes, distinto professor da Escola Industrial de Francisco Holanda, desta cidade.

— Em tratamento encontram-se em Vizela, os nossos dedicados correligionários e prezados amigos, sr. Padre Francisco Antunes de Almeida, professor em Bouro, e António Luis de Bastos Pina, desta cidade.

— Para Vidago (Vilas-Boas), partiu o nosso prezado amigo, colaborador e valoroso correligionário, sr. Professor Jerónimo Ferreira Botelho, tendo-o acompanhado a sua ex.^{ma} família.

— Partem para o Luso, na próxima segunda-feira, as ex.^{mas} filhas do nosso prezado assinante e considerado empresário do Teatro Politeama, de Lisboa, sr. António Luis Pereira, sr.^{as} D. Maria de Belém e Jandina Teixeira da Silva, que há dias se encontravam nesta cidade.

— Para Santarém partiu o nosso particular amigo e dedicado correligionário sr. António Augusto Guimarães que, naquela cidade, vai montar um estabelecimento de Fazendas Brancas e Modas.

Parada dos Bombeiros

Têm continuado neste recinto — actualmente explorada por uma Empresa digna de todo o auxílio, pela muita consideração que mostra pelo público — as exhibições cinematograficas, no geral de bons programas, e os divertimentos, especialmente a patinagem.

Ir à Parada é já agora um hábito dos vimaranenses. Por isso, à noite se reúnem lá algumas das melhores famílias da cidade.

Que continuem as prosperidades da Empresa são os nossos votos.

Republicanos que morrem

Faleceram recentemente os srs. drs. Costa Júnior e Mesquita de Carvalho, que foram Ministros da República, tendo desempenhado as suas funções com honradez e dignidade.

Curvando-nos respeitosamente perante a sua memória, enviamos ás famílias enlutadas, a sentida expressão do nosso pesar.

CASA

Vende-se na rua de D. João I, n.º 15-15 B., com mobília. instalações eléctricas, água, quarto de Banho e cozinha pronta a funcionar. Para ver a tratar: Alberto Pimenta Machado.

Os gastrónomos

Em culinária chama-se gastrónomo a um indivíduo que come muito; pois em política também existe uma fama colossal constituída por camaleões dos mais variados matizes, a quem podemos, sem receio de errar, atribuir o qualificativo honroso de gastrónomos.

Gastrónomos desde longos tempos, que em 1910 facilmente se adaptaram ao novo estado de coisas, deixaram uma prôle numerosíssima que se tem multiplicado duma maneira espantosa até aos nossos dias.

Passada a incerteza da Revolução de 5 de Outubro, convencidos de que a República, por ter sido feita pelo Povo, jámais poderia sosso-brar, ei-los apressados, subindo as escadarias dos ministérios, a darem a sua franca e estomacal adesão ao novo regime. Foram assim assaltando, com prejuizo duma obra verdadeiramente republicana que urgia fazer, o Estado, impedindo não só que se formasse uma consciência essencialmente democrática, mas combatendo também, por princípio, por educação e até, talvez, por tara patológica, qualquer tentativa de depuração republicana. O Exército, as finanças, tudo ou quasi tudo estava nas suas mãos. Os republicanos pobres, mas de convicções, aqueles republicanos que sempre se sacrificaram pela República, eram postos à margem, não havia tempo para se pensar no Povo. Naqueles que fizeram a República, Quem dava as cartas eram os monárquicos. Havia lá melhor pedido para que um republicano fosse colocado num lugar que lhe permitisse auferir o suficiente para viver do que o dum monárquico, daqueles Monárquicos com m grande!

O Estado republicano constantemente perigava; a ausência duma administração profundamente republicana havia forçosamente de reflectir-se nos mais variados movimentos revolucionários que eclodiam a pouco e pouco. A traulitária, Monsanto... foram possíveis porque o Estado republicano era uma realidade monárquica.

Sempre que uma situação política, adentro da República, se mostra com tendências conservadoras, ei-los, os gastrónomos, de braços abertos a gritar bem alto o seu nacionalismo... importado. Depois, é fatal, lá vem a traçozinha do costume... a que já estamos habituados.

Assim, fazendo prodígios de equilíbrios no balancé da política, levam a vida sem grandes arrelias...

Monárquicos hoje, Republicanos amanhã, na mão esquerda um breviário, na direita o mais inflamado livro anti-clerical, que vão mostrando consoante o vento sopra, ora da esquerda ora da direita, há que exterminá-los, duma vez para sempre, em nome dos mais elementares princípios republicanos.

Já se conhecem de sobre! Nada de contemplações!

A República para se consolidar precisa de construir uma obra intransigentemente republicana; mas não é com eles, com os gastrónomos da política que tal obra se pode realizar.

Espreitam, insaciáveis, sempre esfaimados, a ocasião oportuna, mas ao mesmo tempo cômoda, de berrarem a plenos pulmões:

Viva a República! Depois, é claro, exigem o prémio correspondente a tanto heroísmo...

Já se avizinham da Aliança Republicano-Socialista, palmando o terreno. Ribeiro de Carvalho, na «República» deu o alarme. Pois é preciso que todos os republicanos lhe sigam o exemplo; é preciso que todos os verdadeiros republicanos velem pela República, evitando que ela seja assaltada, mais uma vez, por êsses camaleões que, não se contentando em a sugar miseravelmente, também a atraçoam, sempre que podem.

Rua com eles, com os gastrónomos da política!

ALEXANDRE JORGE GONÇALVES.

O melhor café é o d'A BRASILEIRA Torrefacção primorosa Todos os dias muido electricamente

Retalhos da História Pátria, da Dinastia Bragançina...

D. João IV, 8.º duque de Bragança, quando, em 1 de Dezembro de 1640, Portugal se tornou independente de Espanha, foi aclamado rei, de tímido e pusilânime que era não queria aceitar a suprema magistratura da nação. Religioso em extremo, escolheu nas cortes de 1646, para padroeira do reino, Nossa Senhora da Conceição, determinando que se não tomasse grau algum na Universidade, sem que os candidatos prestassem juramento de defender a Imaculada Conceição de Maria, juramento este que sempre se continuou a prestar até 1854, ano em que foi definida dogmáticamente a mesma Imaculada! 206 anos de opressão, para os intelectuais...

D. Afonso VI, andava de noite levantando disturbios na companhia dos vadios e das prostitutas, espalhando-se que, devido a uma grave enfermidade que teve em menino, ficara com defeito no juízo, pois que se enfurecia pelo motivo mais fútil, acompanhando só com malfetores, que à sua sombra cometiam os maiores crimes. Num processo vergonhoso em que foram testemunhas as santas esposas do Senhor, em quem ele saciava os seus instintos animais, foi destronado, entregando-se a corôa a seu irmão regente D. Pedro II. Este rouba ao irmão o trono, a mulher e a liberdade, fazendo-o morrer numa prisão.

Foi em 1668 que este rei cedeu à Espanha a cidade de Ceuta.

D. João V, o da madre Paula, frequentava Odivelas, onde esta sua amásia era abadessa.

Nunca convocou cortes, estabelecendo d'este modo em Portugal o governo absoluto, e tudo quanto se fez foi obra de capricho e de arbitrariedade.

Indispôs-se com Roma, mas Consiní, o papa, que tomou o nome de Benedito XIV, estabeleceu a concórdia.

D. José I, termina a obra iniciada por D. João II, arrastando a nobreza ao cadafalso, pondo mordaza à voz clamorosa do clero e fortificando ainda mais o poder absoluto dos reis fidelíssimos.

Acusados de cúmplices na conspiração, foram expulsos de Portugal os jesuítas. O grande ministro Marquês de Pombal foi implacável para com a Companhia de Jesus, expulsando-a dos nossos domínios.

D. Maria I, demite e desterra o grande marquês, influenciada pela nobreza e pelo clero.

Impossibilitada de governar, por ter sido atacada de grave enfermidade, entrega o poder a seu filho D. João, que governou por alguns anos imbecilmente.

Este D. João VI, provoca estupidamente a entrada dos exércitos franceses em Portugal, fugindo co-

vardemente ante a perspectiva das armas napoleónicas. Embarca para o Brasil, levando consigo todas as jóias da corôa e todo o sangue do tesouro público. Deixa o povo português entregue a si mesmo, ensinando-lhe, assim, praticamente, que um povo, para defesa da sua pátria, não precisa do espantallo de um rei a governar, bastando-se a si próprio.

Sancionou todos os actos despóticos do protectorado inglês, que nos fez enforçar na torre de S. Julião da Barrá, em 1817, o grande general e presidente do Grémio Lusitano, Gomes Freire de Andrade.

Acceptando a Constituição de 1822, revoga a logo em seguida, dá o seu assentimento à reacção miguelista, restaura o poder absoluto, traindo, assim, todos os seus juramentos. Portugal tornou a decair, perseguindo-se os liberais, e levando-se a força no Campo de Santa Ana e na Praça Nova (Lisboa e Pôrto).

A. B.

Blasfemos

Esta lógica diabólica, preenhe de insensatez e de hipocrisia, que coloca Deus a par do mais humano safardana, necessário se torna corré-la, aboli-la.

Criada para uso da ignorância, para engodo de ignorantes, nos séculos distantes em que os espiritos mal respiravam, espartilhados, ilaqueados, pelo pavor de Deus, que a religião lhe apresentava e impunha como uma divindade farisaica, arbitraria, despótica e vingativa, essa lógica falsa, essa ideia absurda, fez curso e, resistindo à sua própria fraqueza, af se estadeia ainda, a zombar, parece, da miséria mental que a tolera e alimenta.

«Deus castiga os povos entregando-os aos desmandos das suas próprias paixões...»
Blasfémia é que isto é, esta concepção da divindade paternal, que podendo e querendo valer aos homens seus filhos, o não faz.

O Deus do cristianismo não é, não pode ser, o Deus, o Jehovah. O nosso Deus, o Deus dos cristãos o Deus da Europa do século xx não pode ser inferior aos Osiris e aos Ormuzd dos velhos tempos, nem comparado ao cruel Assur, feroz, sanguinário, que o génio semita adorava como dominador dos céus e da terra, verdugo insaciável de sangue.

Esta lógica diabólica, esta falsa ideia, criada para ignorantes e por ignorantes mantida, necessário se torna destruí-la. Tanto mais que, graças a ela e à hipocrisia que a explora, nós vamos assistindo ao ridículo facto, à farça grotesca, de vermos o bom Deus a intervir nas nossas questões políticas.

A liberdade é, pelo visto, uma ruim paixão, um desmaio dos homens, e a luta pela liberdade um

«Diário da Manhã»

Afirma-se há dias em Lisboa, e já corre a notícia em letra de forma, que o sr. Dr. Domingos Garcia Pulido deixará, brevemente, a direcção do *Diário da Manhã*.

E logo um jornal, com perfeito conhecimento da obra do aludido matutino, faz votos por que o substituto imponha mais serenidade às colunas onde a sua prosa vai aparecer.

Mas que interesse temos nós em ver com serenidade um adversário?

O *Diário da Manhã* só nos interessa quando não traz serenidade e vem de linguagem desbragada contra os políticos, contra os homens que actuaram na direcção do país, dando-lhe muitas vezes, se não todas, o valor da sua acção.

Número que fale do cinema, da mulher de saias com 25 centímetros de cumprimento, de foot-ball, etc., não merece o dinheiro.

Deixe, pois, o nosso colega de dar conselhos ao futuro director do *Diário da Manhã*. Alguém lhós dará por si.

A folha nasceu para aquilo.

(De *O Raio*, da Covilhã, n.º 464.)

crime que os homens têm de expiar, como vão propalando os ultramontanos espanhóis, e até os portugueses, a-propósito dos acontecimentos que se vão desenrolando em Espanha, graças à peregrina doutrina, a nação vizinha sofre o castigo de Deus, nem mais nem menos!

Como isto é ignóbil...
O Deus desta gente esteve muito quieto, muito satisfeito com a sua providencia em descanso, enquanto o povo espanhol sofria as prepotências de uma monarquia feudal, autoritaria, fradesca.

Não tugi nem mugiu, enquanto a corôa real esmagava os milhões de homens que viviam na miséria, alimentando com o seu suor a riqueza dos conventos, da aristocracia e dos reis; não se mexeu enquanto assistiu à agonia dos que viviam em pestíferas cavernas de lata e palha, nem se enforeceu quando via o luxo desordenado em que se pavoneava a corte e os cortesãos. Nada disto comoveu o Deus dessa gente, nem a miséria noventa de uns de seus filhos, nem a orgia degradante de outros.

Mas, mal os miseráveis furtaram o cachaco ao jugo e bradaram os seus direitos e suas necessidades; mal se disseram homens como os outros homens, o Deus deles abriu o olho à Providencia, à sua providencia, e... castigou. Jehovah pegou na espada de fogo e desançou!

Não é grotesco e deshumano? Não é blasfémia?

As afirmações essenciais da Encíclica sobre o Fascismo

Transcreveremos as mais notáveis afirmações deste longo documento, cuja leitura deveria ser feita por todos os católicos e reaccionários portugueses. Essas afirmações condensam-se, essencialmente, nas seguintes asserções:

— O fascismo é incompatível com os direitos naturais e com a doutrina católica.

— Os católicos não deverão nunca partilhar, adotar ou favorecer as doutrinas fascistas.

— O fascismo destrói toda a verdadeira educação, não só crista, mas simplesmente moral e cívica.

— A educação fascista inculca o ódio, a violencia e a irreverência, até para com a própria pessoa do Sumo Pontífice.

— A consciencia depende de Deus, mas as consciencias são livres em tudo o mais; e o Papa, combatendo contra o fascismo, combate pela liberdade das consciencias.

— O primeiro aspecto dos processos fascistas é a violencia, o ultraje e o vandalismo contra as pessoas e as cousas.

— O segundo aspecto dos processos fascistas: a mentira e a calúnia espalhadas pela imprensa do partido, a única livre.

— Terceiro aspecto das doutrinas fascistas: a inscrição forçada no partido.

— Em nenhum país do mundo a acção católica foi tão odiosamente tratada como na Itália fascista.

— As violências do fascismo contra os católicos e contra o Papa foram feitas com a intervenção de membros do Partido, vestidos com uniforme, e a conveniencia das autoridades.

— Os fascistas praticaram violências sobre as autoridades eclesiásticas e fizeram impias paródias de cânticos sagrados e de cortejos religiosos.

— Até a juventude feminina não escapou à fúria fascista.

— Os fascistas sequestraram os documentos, e continuam a interceptar e a sequestrar toda a correspondência que supõeem poder ter relação com a acção católica.

— O ataque fascista à Acção Católica foi preparado à traição; a hipocrisia fascista.

— *O Papa dá razão aos que se não conformavam com que ele não condenasse formal e explicitamente as «errôneas e falsas» doutrinas fascistas.*

De a Seara Nova:

Revela o *Osservatore romano*, órgão da Santa Sé, que a *Gazetta*, órgão oficial do partido fascista para a Sicilia e o Sul da Italia, escreve o seguinte:

«Se o Duce nos desse a ordem de fuzilar todos os bispos, nós não

hesitaríamos um só instante. Se há por acaso nas nossas filas alguém que não seja desta tempera, pode o Papa toma-lo para si».

Está certíssimo. E' assim, precisamente, o que manda a lógica do fascismo.

Ceramica de Anadia, L.ª

Sendo a fabrica de Ceramica de Anadia, a que melhor telha fabrica, por empregar barros que não são porosos e amassados em aguas não salitrosas, oferecendo as melhores garantias de impermeabilidade e duração, vem por este meio tornar publico, no proprio interesse dos que precisam de construir, que os preços da sua telha são:

Telhas de 1.ª, 590\$00, o milheiro, com desconto de 20 %

Telhas de 2.ª, 500\$00, o milheiro, com desconto de 20 %

Telhas de 3.ª, 350\$00, o milheiro, com desconto de 15 %

Posta na estação de Mogofores, sobre vagon. Dirigir pedidos para Ceramica de Anadia, L.ª — Anadia.

Agência Chevrolet

Agentes exclusivos nos distritos de Braga e Viana do Castelo

Carvalho & Baptista, L.ª

Sede em Braga — Rua do Sout, 678

Representante exclusivo em Guimarães

Oscar Baptista

Rua da República

A'S BOAS DONAS DE CASA

Recomendamos a liquidação que faz a Casa das Louças. Grandes abatimentos. Liquidação completa de louças de esmalte, alumio e porcelana. comprar barato só na Casa das Louças, junto a camisaria Martins.

IDEARIO REPUBLICANO

POR

Mário de Castro

(Continuação)

Nem ao menos se podem dizer realidades paralelas da existencia do homem: são o próprio homem na sua vida de relação com os outros homens.

Os grupos, as associações, a sociedade em geral, existem como meios imprescindíveis de maior e melhor valorização dos individuos.

A familia, a associação de classe, as sociedades de qualquer natureza, não são mais do que conjugações de esforços e concatenação de energias procuradas pelos individuos para lograrem melhor conforto, mais força e maior poder.

Por isso não constituem sujeitos com vida própria, autónoma e legitima por si mesma: a sua existencia é um reforço da vida individual e privada e por isso só são legitimas na medida em que forem condição de progresso e desenvolvimento para o homem.

Sendo assim, desde logo se conclui

que não é o individuo que vive para o grupo, para a sociedade, mas pelo contrario é a sociedade que vive para o individuo.

Não é de desejar que o grupo e a sociedade dissolvam em si a personalidade individual; e esse desejo além disso desmentia formalmente o ritmo da evolução da Humanidade.

Porque com efeito, a evolução da Humanidade afirma-se inofismavelmente como um triunfo sucessivo da personalidade individual.

O homem desprende-se a pouco e pouco e cada vez mais do grupo, torna-se cada vez mais *ele*, quer dizer, mais cheio de caracteres próprios e intransferíveis.

Mas, dir-se há: porque é então, que, simultaneamente, o homem também cada vez mais se associa com os outros homens?

Na verdade, estas duas tendências, verificam-se a par; mas não são con-

traditórias, antes constituem manifestações do mesmo facto.

E' que as associações, os grupos, são cada vez menos gregários, e afirmam-se cada vez mais conscientes, quer dizer, os individuos não se encontram organizados associativamente por simples instinto, à maneira dos rebanhos, como era próprio, nas devidas proporções, das corporações medievais e pré-medievais.

Pelo contrario, os individuos não se agrupam hoje por instinto, mas por consciencia, por acto de vontade reflectida e para atingirem finalidades de proveito individual e privado.

Ora todo o progresso de consciencia é um progresso de personalidade individual.

Não se desconhecem, pois, os vários grupos sociais; mas atribui-se-lhes um carácter simplesmente instrumental de organizações ao serviço do homem.

Este é o pensamento republicano, radicalmente oposto ao pensamento reaccionário.

Não é o individuo que tem no grupo, na sociedade e na Nação uma existencia meramente funcional e instrumental para servi-la; pelo contrario, o grupo, a sociedade, a Nação é que são formas instrumentais que os homens constituem para se valorizarem a si próprios mais e melhor.

Vamos agora ver como é que estes principios se refletem na organica e funcionamento do Estado, que é o poder social organizado.

Liberdade e Autoridade

Em primeiro lugar, se a existencia da sociedade está, como vimos, subalternizada ao individuo, é obvio que o poder social que a representa e incarna não pode exercer-se contra os individuos; o que pura e simplesmente quer dizer que estes têm em face daquele direitos fundamentais como têm em face dos outros individuos.

São os direitos que por outros fundamentos o cristianismo divinizou, chamando-lhes: «os direitos da pessoa humana».

Este é um dos aspectos, acaso o mais saliente, da doutrina da Liberdade.

E este mesmo principio da inviolabilidade dos direitos naturais resulta ainda logicamente da afirmação já feita de ser a sociedade imanente à consciencia dos individuos, e não qualquer entidade diversa, sobranceira ou transcendente a eles.

Com efeito, sendo o governo imposto por uma necessidade de disciplina da comunidade humana, é evidente que todo o governo reverta a

ela e exerce-se, não por nem para entidade alguma transcendente, mas por e para essa comunidade humana.

Mas a comunidade não tem uma voz sobre-humana que exprima a sua vontade, por isso mesmo que, como já ficou dito, ela não tem existencia distinta dos individuos que a compõem: logo são estes mesmos que hão-de definir as normas que possibilitam e realizam a existencia e integração de todos no conjunto social.

Para isso, hão-de cada individuo exprimir a sua noção do interesse e destino da comunidade a que pertence; e é dessa convergencia e interpenetração de juizos que hão-de sair como resultante as normas que os realizam.

A Autoridade opomos a razão individual.

Cristo, Sócrates, Joana d'Arc, Gálieu e tantos outros foram sacrificados a Autoridade pelo exercicio da sua razão individual; e viu-se depois que a verdade era deles!

Continua.

BENJAMIM DE MATOS & C.^a, LIMITADA

Toural — GUIMARÃES



SEDE
LOJA DO LEQUE

TELEFONE N.º 64

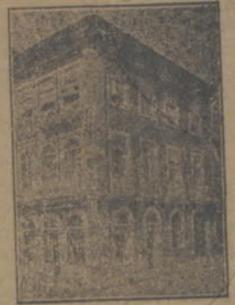
Fazendas de lã, seda e algodão — Fazendas brancas — Malhas — Perfumarias e miudezas — Pa-
peis para forrar casas — Maquinas de escrever

Atelier de modista de Ismênia Augusta de Matos — Rua Gil Vicente — Telefone n.º 64
Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas
: : Preços reduzidos — Vendas só a dinheiro — Perfiram sempre estas casas : :

FILIAL
CASA HIGH-LIFE

TELEFONE N.º 230

Modas e Miudezas — Camisaria — Gravataria
— Luvaria — Perfumarias — Meias de seda e
: : : algodão — Artigos para bordar : : :



DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães

Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

LOUÇAS

VIDROS

VERNIZES

POLVORAS

CAIXILHOS

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.^{da}

43 — RUA DA REPUBLICA — 47
TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

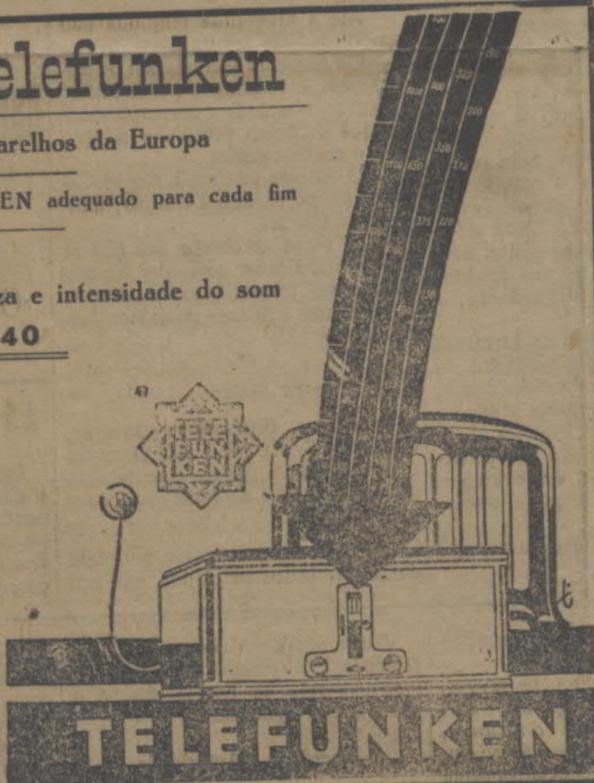
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente disseminado. Peça V. Ex. uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 — Rua 31 de Janeiro — 30

GUIMARÃES

PAPELARIA,
PERFUMARIA
E TABACOS

Gramofones
— e discos —

Papeis de embalagem, Fio, Papelão e maquinas de es-
: : crever : :

Papelaria Central

Praça D. Afonso Henriques

TELEFONE 140

Artigos fotograficos
Unica casa de Especialidade

"O POVO DE GUIMARÃES"

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33
GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24\$00 Esc.	Cada linha	\$50 cent.
Africa	28\$00 >	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	\$60 >
Brasil (moeda brasileira)	20\$00 >	Comunicados, linha	\$15 >
Estrangeiro	40\$00 >	Imposto do selo	
Número avulso	\$50 cent.	Linómetro tipo corpo 8.	

Ex.º Snr. *A Redacção de*

Revista de Guimarães



Guimarães

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA

Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre

das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES